

# A (TRANS) FORMAÇÃO DE SAMANTA: DIÁLOGOS ENTRE HISTÓRIA, CORPO E GÊNERO

Resultado de investigación finalizada

GT 11 – Gênero, Desigualdade e Cidadania

Rafael França Gonçalves dos Santos

## Resumo

Este escrito registra parte da trajetória de vida de Samanta Silva, a primeira travesti a concorrer a um cargo político em Volta Redonda-RJ. Nas eleições municipais de 2008, Samanta candidatou-se ao cargo de vereadora e este fato teve repercussão na mídia local. Desta forma, a partir de um depoimento concedido por ela e um breve levantamento nos jornais da cidade, apresento uma reflexão sobre esse processo vivido e uma problematização à luz das reflexões de gênero e da sexualidade. Ao destacar essa inserção no campo da política, pretendo identificar a recepção que Samanta teve neste espaço, compreendendo que sentido ela atribuiu a este engajamento e de que maneira a mídia local repercutiu essa candidatura, na medida em que foi a primeira vez que uma pessoa trans concorreu a um cargo político na cidade.

**Palavras-chave:** política, travestilidade, trajetória.

## Introdução

Este escrito pretende analisar brevemente a trajetória de vida de Samanta Silva, que vive em Volta Redonda – cidade no sul do estado do Rio de Janeiro, destacada por abrigar a Usina Presidente Vargas (CSN). Nas últimas eleições municipais (2008), Samanta candidatou-se ao cargo de vereadora, conforme noticiou um jornal da época: “Volta Redonda tem o primeiro candidato travesti de sua história: Samanta, ‘a princesinha’”<sup>1</sup>. Desta forma, a partir de um depoimento concedido por ela e um breve levantamento nos jornais da cidade, pretendo apresentar o processo de transformação do corpo empreendido por Samanta, e perceber a recepção da sociedade frente a essas modificações, na medida em que ela projeta-se no cenário político (apesar de não ter sido eleita). Para tanto, disporei de algumas categorias oferecidas por Daniel Welzer-Lang, para refletir sobre as violências sofridas ao longo do processo; Joan Scott, com a reflexão sobre gênero e Pierre Bourdieu, para pensar sobre o processo de dominação masculina que ainda enviesa grande parte das relações sociais.

Ao destacar essa inserção no campo da política, pretendo identificar a recepção que Samanta teve neste espaço, compreendendo que sentido ela atribuiu a este engajamento e de que maneira a mídia local repercutiu essa candidatura, na medida em que foi a primeira vez que uma pessoa trans concorreu a um cargo político na cidade.

Antes, porém, segue uma discussão teórica acerca do debate que envolve o corpo, gênero e sexualidade enquanto produtos de processos históricos particulares e que assim devem ser percebidos. Contra a naturalização do biológico, opto pela politização do social, como meio capaz de lançar luz sobre algumas questões que permanecem latentes.

## Gênero, corpo e sexualidade: historicizar conceitos

---

<sup>1</sup> Jornal Aqui. Ano 9 – Volta Redonda/Barra Mansa, 16 a 22 de agosto de 2008. p. 20

Conforme destacado por Joan Scott (1992), o conceito de gênero surgiu no bojo dos debates feministas na década de 1970, e passou a ser usado como uma possibilidade de teorização sobre a questão da diferença sexual. Uma importante marcação é seu caráter relacional, ou seja, não abarcava somente o feminino como faziam algumas estudiosas da História das Mulheres, mas sim a relação estabelecida entre o masculino e o feminino, além de considerar a relatividade dos contextos sócio-culturais e estabelecer um diálogo com os conceitos de raça-etnia e classe. Pensar o gênero sob esta perspectiva é fundamental para que se possa compreender o caso que será apresentado. Se torna-se patente o fracasso que foi a tentativa de explicar o social exclusivamente pela noção de classe, como queriam alguns marxistas, há de se ter o cuidado para não tomar o gênero como sendo a *nova classe*; pelo contrário, ao que parece este conceito oferece outra perspectiva, que está para além do econômico mas que, todavia, não o exclui. Assim, tomado como uma *categoria de análise histórica* (Scott, 1994), o gênero contribui para que se perceba como a sociedade organiza a distribuição dos papéis sociais articulada com realidades biológicas; permite, também que se pontue as variações geradas pela raça-etnia, classe e sexualidade.

É interessante refletir sobre o espaço em que o gênero se materializa, ou seja, o corpo:

É na materialidade do corpo que todos os poderes, todos os saberes, todos os prazeres e desprazeres se cruzam. O corpo é a sede tanto da sexualidade como do trabalho e de qualquer outra atividade humana. Pela sexualidade o homem se vincula à natureza animal e pelo trabalho se separa dela. (Muraro, 1996, p. 22)

E, “evidentemente devemos enxergar o corpo como ele tem sido vivenciado e expresso no interior de sistemas culturais particulares, tanto privados quanto públicos, por eles mesmos alterados através dos tempos.” (Porter, 1992, p. 295)

Principalmente a partir da década de 1930, com a chamada Escola dos Annales, a História viu multiplicar seus campos e objetos de estudos, bem como as fontes documentais acessadas para as pesquisas. Um desses objetos que pareceu emergir com grande destaque foi *o corpo*. Como apresentou Roy Porter (1992, p. 292-326), existem diversas áreas de investigação da História do corpo: corpo e mente, o policiamento do corpo e sexo, gênero e corpo. Algo que pode ser apreendido como ponto comum é que o corpo está sendo percebido como um objeto de disputa e que, portanto, compõe um cenário em que ocorrem as relações de poder. Assim, em cada período histórico, a atenção dada ao corpo foi diferenciada e “(...), o ‘corpo’ não pode ser tratado pelo historiador simplesmente como biológico, mas deve ser encarado como mediado por sistemas de sinais culturais” (Porter, 1992, p. 308). Assim, por exemplo, o tipo de punição oferecida ao corpo de um criminoso não foi a mesma desde sempre. Em *Vigiar e Punir*, Michel Foucault demonstrou como, historicamente, se passou de sistema de punição que previa o supliciamiento do corpo, a outro sistema, já no final do século XVIII que apontava para a reforma da mente. Note-se que este período, como destacou o autor, é o contexto do surgimento das sociedades disciplinares, e não mais seria útil descartar os corpos, mas sim produzir corpos dóceis, adequáveis ao modelo social que se estava construindo – sociedade capitalista. O controle exercido sobre o corpo, portanto, denota seu caráter eminentemente político. Desde as simples práticas higiênicas aos complexos sistemas educacionais, vê-se um empreendimento que pretende a construção de corpos que sejam dóceis o suficiente para assumirem eu papel social. Há, portanto, uma positividade do sistema disciplinar, na medida em que ele garante o processo de produção de corpos e da (re) produção social.

Susan Bordo esclarece que o corpo é um agente da cultura. Para ela, Mary Douglas o vê de uma forma simbólica, enquanto Pierre Bourdieu e Michel Foucault o consideram como um lugar prático de

controle social. Apropriando-se das reflexões de Foucault, Bordo destaca que as regulamentações de tempo, espaço e movimentos servem à produção de corpos.

A construção da feminilidade pode ser percebida, pois, como um árduo processo que demanda, além de recursos financeiros, uma disponibilidade constante de disciplinamento do corpo. Dietas, maquiagens, vestuário, pequenas ou grandes cirurgias, enfim, há todo um processo de disciplinamento ao qual se submetem os indivíduos que se dispõem a vivenciar a feminilidade, da maneira como está construída atualmente.

Para Bordo

Os corpos das mulheres perturbadas apresentam-se como um texto agressivamente descritivo para quem o interpreta – um texto que insiste e exige ser lido como uma afirmação cultural, uma exposição sobre o gênero. (Bordo, p. 23)

E é com este mesmo intuito que parece ser válido refletir sobre os indivíduos que tendo nascido com atributos associados ao masculino, não seguem esse fluxo, dito natural, e são considerados como transgressores. Tendo em vista que: “Antes de nascer, o corpo já está inserido em um campo discursivo” (Bento, 2008, p. 29), qualquer atitude que destoe do discurso esperado desse indivíduo, será patologizada ou, no mínimo, tida como anormal; seja ela no campo do gênero ou da sexualidade.

Como se está falando de corpo, história e relações de poder, cabe destacar que todo esse empreendimento foi construído com base em saberes que garantiram a veracidade dos discursos proferidos. Um dos saberes que mais ganhou destaque foi o saber médico que, tomado como científico por excelência, seria capaz de dizer *a verdade* sobre os indivíduos.

O historiador Thomas Laqueur demonstrou como, no século XVIII, a mulher deixou de ser um homem sem calor vital e passou a ser uma espécie própria, cujo corpo, considerado doentio, lhe faria habitar um espaço inferior ao homem, sendo considerada histérica, anormal. Fato similar foi indicado por Foucault (Porter, 1992, p. 318) nos trabalhos sobre a história da sexualidade. Ele destaca que no século XIX falou-se muito sobre o sexo, mas com um enfoque bastante específico, qual seja: a produção das noções de desordem, anormalidade e desvios sexuais. Assim é construída a sexualidade. E nesse mesmo contexto, a noção da homossexualidade enquanto uma doença, muito associada à ordem das doenças mentais.

Há de se considerar que a ordem social age coercitivamente por meio de seus diversos dispositivos na gestão dos corpos e

El cuerpo humano participa de un sistema coherente que ya no es el de macrocosmos, sino el de un orden social instituido. Las funciones orgánicas, la fisiología y el dimorfismo sexual son entonces racionalizados según principios de esse finalismo social. (Berriot-Salvadore, 1992, p. 149-50)

Esta perspectiva deve ser considerada ao se realizar qualquer incursão sobre o campo da sexualidade. Deve-se estar disposto a se deparar com construções históricas que, sendo variadas de acordo com o tempo e o espaço, são muitas vezes erroneamente apresentadas com naturais, inevitáveis e estáveis. Judith Walkowitz fez um estudo sobre a emergência das *sexualidades perigosas* no final do século XIX (Walkowitz, 1992). Refletindo sobre a condição feminina, ela destaca que o saber médico agiu na produção de comportamentos normais para o feminino. Assim, algumas práticas bastante antigas passaram, no século XIX, a ganhar mais destaque por conta da reconfiguração da paisagem

urbana. As mulheres passaram a ter acesso ao espaço público; aos meios de comunicação; elas experimentaram a paixão sexual, porém se expressavam segundo o repertório cultural da época em que viviam. O aborto, a prostituição, o travestismo<sup>2</sup> e as amizades românticas eram concebidas como práticas que incitavam a desordem e, portanto, deveria haver uma intervenção estatal para regulá-las.

Neste estudo de Walkowitz, chama atenção a diferenciação feita entre o travestismo e as amizades românticas. Ambos os casos fazem referência à vivência da homossexualidade entre mulheres. Todavia, há um significativo corte de classe. As mulheres que vivenciavam a experiência travesti eram comumente das classes proletárias e médias, e viam nesta vivência do masculino a possibilidade de angariar um prestígio social que *jamaiz* teriam se vivessem o feminino, tendo em vista que não dispõem e fartos recursos econômicos. Já as mulheres que vivenciam as amizades românticas são, em geral, de classes mais abastadas economicamente. Assim, dispõem de um capital econômico que as permite sustentar uma experiência homossexual sem que, para tanto, tenham que realizar uma transgressão de gênero; haveria até mesmo certa permissividade cultural para o afloramento dessas amizades românticas (Walkowitz, 1992, p. 90).

Gênero e sexualidade aparecem inextricavelmente ligados. A associação é quase que automática. “A lo largo del siglo XIX, el travestismo fue una práctica sospechosa: una forma no permitida de transgrección sexual, um indicio de hipersexualidad o sodomia” (Walkowitz, 1992, p. 89). Porém, é importante problematizar e estabelecer alguns limites desta associação. Há uma diferenciação entre gênero e sexualidade. A compreensão deste aspecto pode ser relevante na tentativa de compreender o amplo universo que compõe as vivências sexuais, sem a pretensão de definir o normal e o patológico. Uma discussão neste sentido é feita por Berenice Bento ao destacar a questão da transexualidade como um conflito de gênero, e não sexual. Segundo ela, são duas questões diferentes. Ser um homem gay não significa que se tenha conflito com o masculino; a sexualidade lida pela lente do gênero limita o debate e a compreensão à lógica binária que está dada (Bento, 2008, p. 46).

### **Travestilidades, transexualidades: vidas trans**

Qual a diferença entre uma travesti e uma transexual?<sup>3</sup>

A discussão acerca dessa pergunta é vasta. Tradicionalmente se diria que a transexual é quem realizou a cirurgia de transgenitalização<sup>4</sup>, e a travesti é aquela que ainda ostenta o órgão masculino. Todavia, os movimentos sociais de pessoas trans (travestis, transexuais e transgêneros), cada vez mais articulados a partir da década de 1990, apresenta algumas divergências a este respeito<sup>5</sup>. Para Bento

Talvez a diferença esteja nos mecanismos mediante os quais se explicita ou visibiliza as divergências com as normas de gênero. As mulheres e homens transexuais lutam para serem reconhecidos socialmente e legalmente de acordo com o gênero identificado. (2008, p. 60)

<sup>2</sup> A autora utiliza este termo. Atualmente, porém, tem-se optado com maior frequência pela adoção do termo travestilidade, na medida em que o sufixo *ismo* denota a patologização deste comportamento, tal como ocorreu com a homossexualidade e com a transexualidade.

<sup>3</sup> A vivência da travestilidade e da transexualidade é plausível para indivíduos nascidos XX ou XY, sendo tratados no masculino ou no feminino, de acordo com o gênero apresentado. Neste escrito está-se trabalhando com a noção de indivíduos que nasceram biologicamente homens e que realizaram percursos diversos para a construção do feminino, por isso não serão apresentadas maiores referências ao caso das mulheres, o que mereceria outro debate mais aprofundado.

<sup>4</sup> Também conhecida como cirurgia de redesignação sexual, é aplicada a indivíduos transexuais que alteram a genitália de nascimento.

<sup>5</sup> A este respeito ver discussão apresentada por Berenice Bento em *O que é transexualidade*.

Esta necessidade que a sociedade cria de estabelecer as classificações não é inocente. E o esquema é tão bem articulado que, muitas vezes, vemo-nos presos a tais sistemas. Assim, parece gerar um incômodo quando a pessoa opta por não se enquadrar nestes sistemas, muito embora fique claro que a sociedade, por meio de seus dispositivos discursivos, trate de classificar *convenientemente* cada indivíduo.

Este incômodo foi-me bastante próximo quando iniciei o trabalho de entrevista com Samanta Silva. Em uma das primeiras perguntas, a indaguei sobre sua identidade de gênero, e eis que ela me respondeu: “É... eu sou uma... é, eu sou uma mulher!”<sup>6</sup> Nota-se claramente que, embora não tenha realizado a cirurgia de transgenitalização, para ser considerada uma *transexual de verdade*, ela também não assume uma identidade de travesti; rótulo que certamente lhe seria ofertado, sendo o caso de um indivíduo que vivencia o feminino, mas que ainda ostenta o órgão genital masculino. Tanto é que, à época em que se candidatou a vereadora na cidade de Volta Redonda, em 2008, foi veiculada uma reportagem de destaque em um jornal da cidade, que trazia a seguinte chamada: “Volta Redonda tem o primeiro candidato travesti de sua história: Samanta, ‘a princesinha’”<sup>7</sup>

Talvez, a recusa de Samanta em se apresentar com uma identidade travesti se dê justamente pelo estigma ao qual esta população é constantemente submetida. Como ela mesma percebe:

A maioria fala assim... ahh uma travesti... as pessoas já ficam assim... já é aquela coisa... um medo... ah, uma transexual, já fica com um medo, mas por que? Porque ela arrasa, gosta de fazer escândalo, gosta disso, gosta daquilo.<sup>8</sup>

Além do mais, a travestilidade, ainda hoje, está associada ao exercício da prostituição. E a relação é tão bem amarrada, que em grande parte das vezes a construção da pessoa travesti dá-se no espaço da pista<sup>9</sup>, como indicou Larissa Pelúcio. Esta associação que a sociedade ainda faz entre a travestilidade e a prostituição pôde ser confirmada em uma das falas de Samanta, ao destacar um fato ocorrido em seu salão:

(...) várias vezes já aconteceu comigo, até mesmo aqui no meu estabelecimento; de homem que chega e fala assim: “Poxa... não sei o que... você é muito linda; quanto que é seu programa?!” E eu falei assim: “Querido, eu não faço programa!” Tem muito disso.<sup>10</sup>

É interessante notar que ela atribui este comportamento por parte dos homens, como sendo fruto do posicionamento da *maioria das travestis*. O que, é claro, não é uma questão tão simples quanto possa parecer.

E é justamente neste ponto que a trajetória de Samanta parece-me um caso bastante interessante. Visto que permite a percepção do gênero e da classe articulados na vida de um indivíduo, que difere dos casos comumente apresentados nos estudos sobre as travestilidades.

<sup>6</sup> Esta e as próximas notas apresentadas sobre Samanta foram obtidas da entrevista concedida ao autor deste escrito no dia 28 de dezembro de 2010, em Volta Redonda.

<sup>7</sup> Jornal Aqui. Ano 9 – Volta Redonda/Barra Mansa, 16 a 22 de agosto de 2008. p. 20

<sup>8</sup> Trecho da entrevista.

<sup>9</sup> No universo da prostituição, este termo refere-se ao local em que a prostituição é realizada, em geral a rua.

<sup>10</sup> Trecho da entrevista.

A seguir exponho brevemente a trajetória de Samanta, com a limitação cabida a um breve escrito, buscando pontuar o sentido que ela atribui à construção e vivência do feminino, bem como a relação com a sociedade, no ambiente familiar, escolar e profissional.

Para tanto, além dos argumentos citados no início deste texto, recorrerei à noção de capital, conforme desenvolvida por Pierre Bourdieu.

### **Tá vendo uma mulher?! Então, meu nome é esse: Samanta Silva**

Nascida em 1977, Samanta Silva é uma personagem bastante conhecida na cidade de Volta Redonda. Atua desde os dezessete anos como cabeleireira, já foi modelo, candidata a vereadora, e hoje é empresária, atuando em salão próprio. Frequentou a faculdade de Turismo, mas não concluiu o curso.

Tendo nascido do sexo masculino (XY), ela diz nunca ter se identificado com *as coisas de menino*:

Eu sempre me senti menina, sabe?! Desde cedo. Eu ganhava um carrinho de alguém que não me conhecia, aí eu jogava fora. Pra quê? Eu não gostava ... jogava fora. Brincava de boneca.<sup>11</sup>

As brincadeiras infantis são genericadas. Nota-se que o ser feminino ou masculino é definido no comportamento desde que o indivíduo ainda é uma criança. E assim, Badinter elucida em *XY: sobre a identidade masculina*:

A ordem ‘seja homem’, tão frequentemente ouvida, implica que isso não é tão evidente e que a virilidade não é talvez, tão natural quanto se pretende. A exortação significa, na melhor das hipóteses que a posse do cromossomo Y ou de órgãos sexuais masculinos não basta para definir o macho humano. Ser homem implica um trabalho, um esforço que não parece ser exigido das mulheres. (Badinter, 1993, p. 3)

Todavia, pode-se depreender que os indivíduos nascidos XY que recusam cumprir seu destino, também terão de empreender um esforço considerável para vivenciar o feminino, enfrentando toda sorte de violências físicas e simbólicas.

Ao longo de seu processo, Samanta se remete à família como um espaço que a acolheu com grande apreço. Depoimento bastante diferente das inúmeras histórias que se ouve a respeito de pessoas que rompem com as normas de gênero. Segundo ela, sua mãe sempre pontuou que o respeito deveria prevalecer independente de qualquer coisa. Esse apoio e proximidade com a família apareceu diversas vezes ao longo da entrevista, inclusive quando Samanta destaca seus pais como exemplos de homem e mulher, respectivamente: “(...) tem defeitos como qualquer pessoa, mas meu pai é um pai maravilhoso. E minha mãe é a coisa mais importante para mim.<sup>12</sup>”

Assim, aos quinze anos de idade, Samanta começou a vivenciar o feminino de uma forma mais explícita, usando saias e vestidos. Nesta mesma época realizou desfiles no Rio de Janeiro e tornava-se cada vez mais feminina. Um dos primeiros recursos utilizados por ela após as vestimentas foi a ingestão de hormônios, com acompanhamento médico, mas que não pôde ser continuado devido às reações adversas. Nesta mesma época, ela diz que foi muito bem aceita na escola. Não havia qualquer

<sup>11</sup> Trecho da entrevista.

<sup>12</sup> Trecho da entrevista.

restrição às roupas femininas que ela utilizava, e os professores aceitavam chamá-la pelo nome que ela apresentava: Samanta. Este fato merece algum destaque, já que a escola em que estudava nesta época é uma escola tradicional na cidade.

Em pouco tempo, outro recurso de transformação corporal foi acionado: as cirurgias. Este processo foi fundamental no empreendimento de vivência da feminilidade. Para Samanta, por exemplo, o cirurgião plástico que realizou suas cirurgias tornou-se uma pessoa que merece sua admiração, conforme ela mesma destacou ao *tirar o chapéu* para ele, em uma matéria publicada em um jornal local<sup>13</sup>.

Transformar um corpo não é tarefa das mais fáceis, mas todo esforço parece ser válido quando se recebe um elogio, abre-se um sorriso e sente-se mulher. Samanta começou fazendo uma cirurgia no nariz e colocando próteses de silicone nos peitos; depois nos quadris, nas nádegas; enfim, passou por um processo trabalhoso para criar um corpo condizente com sua vontade. As intervenções cirúrgicas foram decisivas para materializar o corpo feminino almejado por Samanta.

Ao lhe perguntar se tem mais alguma intervenção cirúrgica que ela queira fazer, Samanta foi enfática: “Sempre tem, né?! Sempre tem um pouquinho! Dar uma lipoaspiradilha aqui, e puxa ali.<sup>14</sup>” O corpo é plástico, elástico, pode ser mudado e moldado de uma forma diferente a cada momento. Esta vigilância constante contra as rugas, a gordura, a flacidez, é a ditadura que a sociedade impõe, principalmente às pessoas que querem vivenciar o feminino, independente do sexo biológico que apresentem. É claro, porém, que em períodos em que se fala de novos padrões de masculinidades, muitos homens tem se rendido aos ditames da beleza, mas esta é uma outra história.

Além dessas intervenções mais *profundas*, há o trabalho diário de silenciamento dos caracteres masculinos, com a raspagem ou depilação de pêlos, o cultivo de unhas grandes e pintadas, e aquele que parece ser um dos elementos mais valorizados, que é o cabelo, seja ele natural, aplique ou peruca. E neste quesito Samanta ostenta um longo cabelo loiro, em sintonia com suas formas corporais.

Parte da literatura já produzida sobre a temática da travestilidade e transexualidade<sup>15</sup> dá conta de que esse processo de transformação é bastante doloroso, não somente pela dor física implicada em cada intervenção, mas talvez principalmente pelo preconceito e discriminação sofridos. Com base nesta bibliografia, pensava que ouviria de Samanta um depoimento semelhante. Mas para minha surpresa, ela destacou que não sofreu preconceitos ou discriminação na escola, família ou nos espaços profissionais. Sua convivência nestes espaços, segundo ela, sempre foi harmoniosa, já que aplicava a fórmula aprendida com a mãe: dar o respeito para ser respeitada<sup>16</sup>. E com isso, garante que até hoje tem contato com amigos da época da escola, que se tornaram também clientes de seu salão.

Tal constatação não pode ser tomada de forma simples e leviana. E, dada a proposta deste trabalho, não caberia aprofundar o debate sobre as diversas formas de violência e discriminação.

<sup>13</sup> Disponível em: <http://www.jornalaqui.com.br/arquivo/2009/667/paginas/especial4.htm>. Acessado em janeiro de 2011.

<sup>14</sup> Trecho da entrevista.

<sup>15</sup> BENEDETTI, Marcos. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.; BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.; KULICK, Don. **Travesti**: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2009.; OLIVEIRA, Neuza Maria de. **Damas de Paus**: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher. Salvador/BA. Centro Editorial e Didático da UFBA, 1994.; PELÚCIO, Larissa M. **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; FAPESP, 2009.; PRIEUR, Annick. **Mesma's house, Mexico City**: on travestites, queens and machos. United States: University of Chicago Press, 1997.; SILVA, Hélio. **Travestis**: entre o espelho e a rua. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

<sup>16</sup> Na entrevista, Samanta citou apenas um caso de um ex-namorado que tentou agredi-la por questões passionais, mas não conseguiu e ela prestou queixa na delegacia. O processo está em curso.

Todavia, refletindo sobre a questão, penso ser possível invocar neste momento a noção de capital social elaborada por Bourdieu.

Bourdieu estabelece três tipos de capitais (social, cultural e simbólico) – desdobráveis em inúmeros outros – que surgem em decorrência da prática dos indivíduos, ou seja, eles são constituídos nas relações sociais e, portanto, são alvos constantes de disputas, além de orientar a prática dos indivíduos em determinado campo. Assim, relaciona-se também com o capital econômico. Logo, capital agrega capital. O fato de dispor de certo capital social e ou político, pode garantir ao indivíduo um trânsito por campos que comumente lhe seriam interditos.

Esse parece, pois, ser o caso de Samanta. Apesar de ser uma pessoa que rompeu com as normas de gênero e de sexo, ela conseguiu articular uma trajetória de vida que como ela mesma diz: “(...) para mim tudo é maravilhoso! Meu mundo é rosa!<sup>17</sup>”. O fato de ser e uma família que dispõe de capital econômico e social garantiu a ela, em certa medida, dispor desses valores e transitar pela sociedade sem estar submetida às adversidades impetradas contra os indivíduos que, tendo nascido homens biologicamente, se recusam a trilhar o caminho da masculinidade. Lembrando o destaque feito por Welzer-Lang:

O paradigma da dominação masculina divide homens e mulheres em grupos hierárquicos, dá privilégios aos homens à custa das mulheres. E em relação aos homens tentados, por diferentes razões, de não reproduzir (ou o que é pior, de recusá-los para si próprios), a dominação masculina produz a homofobia para que com ameaças, os homens se calquem sobre esquemas ditos normais de virilidade. (Welzer-Lang, 2001, p. 465)

Para Samanta, os efeitos perversos da dominação masculina parecem ser minimizados na medida em que ela aciona os capitais sócio-políticos de que dispõem – conhecimento com políticos da cidade, policiais, enfim, uma rede de relacionamentos que lhe garante certa proteção. Quando lhe perguntei se já havia sofrido algum tipo de violência, ela disse:

Não, não. Tipo assim, eles já ficam meio assim de eu ser de uma família nobre na cidade. Mas eu sempre tive muitos conhecidos, muitos amigos; uma pessoa muito querida. Então, eu acho que nunca precisei passar por isso. Nem para arranjar namorado.<sup>18</sup>

A única situação de preconceito lembrada por Samanta refere-se às mulheres que, segundo ela diz, se sentem ofendidas por sua beleza e feminilidade.

Acham que a gente está competindo com ela, porque ela é mulher?! Simplesmente porque tem um brinquedinho diferente?! Mas não é nada disso. Se eu quiser, eu deito amanhã e faço uma até mais bonita que a dela! Mas não é isso, entendeu?!

Com esta fala, demonstra-se, mais uma vez, o deslocamento feito do sexo para o gênero, e este é o aspecto fundamental que se coloca ao indivíduo. Ainda que, em última instância, se queira recorrer à genitália como sendo responsável por dizer *a verdade* sobre o ser.

<sup>17</sup> Trecho da entrevista.

<sup>18</sup> Trecho da entrevista.



O percurso de Samanta no ambiente da política partidária não se deu por uma prática de engajamento em movimentos sociais LGBTT ou de outra ordem. Segundo ela, a candidatura foi uma possibilidade de experimentar uma nova situação, e que poderia ser uma experiência interessante, já que tinha alguns amigos no partido (PPS) e que não precisaria dispor de recursos financeiros para participar do pleito. Como já atuava como cabeleireira à época, não pôde se dedicar à campanha, restringindo-se à divulgação feita pelo próprio partido. Com cento e três votos, não foi eleita. Poder-se-ia questionar o apoio do público LGBTT da cidade à esta candidata. Todavia, embora tenha sido noticiado na mídia, como já citado anteriormente, não houve grande repercussão o fato de uma pessoa trans se candidatar a vereadora<sup>19</sup>.

Suponho que dois aspectos devam ser considerados: não havia um movimento social LGBTT com visibilidade na cidade; e o segundo é que a própria candidata, em entrevista ao jornal *Aqui*, destacou que, se eleita, não teria propostas específicas apenas para o público LGBTT: “Gosto muito de mudanças, mas sou a favor de direitos iguais para todos. Não tenho nenhuma proposta específica para os gays, porque respeito a todos independentemente do sexo e, se eu ganhar, meu mandato será para todos.”<sup>20</sup>

### **Transgredir sem agredir: o desejo da norma**

Quando o assunto são os amores e relacionamentos, Samanta tem algumas histórias interessantes. Segundo ela, sempre teve namorados, e todos eram homens.

O homem a que ela se refere é aquele que representa o masculino. Vê-se aqui o gênero sendo invocado para sustentar um argumento da esfera da sexualidade. Este embaralhamento é comumente feito, em geral, para justificar a ordem de gênero (masculino x feminino) e sexual (heterossexista).

Assim, por mais que a vivência da travestilidade ou transexualidade seja uma medida considerada altamente contrária à ordem social, é um equívoco atribuir a estes indivíduos o emblema de revolucionários, transgressores. Não que as suas experiências não tenham uma forte carga de resistência ao esquema social vigente; mas uma análise mais ponderada pode indicar que há também uma conformação à norma. Como exemplo, pode-se observar o estranhamento de Samanta ao ver dois homens se relacionando:

Eu acho estranho também gay que namora gay; um é bichinha, o outro é bichinha também. Coisa esquisita, né?! (...) Quem é o homem da história? Estranho, né?! Mas, cada um com seu cada um, né?!<sup>21</sup>

Questionar a presença do *homem* é reivindicar o discurso de gênero que prevê a normalidade como sendo: masculino + feminino; em que o masculino é o ativo e o feminino é o passivo, sexualmente e socialmente.

Isso demonstra como as estruturas de gênero estão tão profundamente arraigadas na mentalidade dos indivíduos. É evidente, analisando a literatura produzida, que muitos avanços já foram conseguidos na perspectiva da vivência de gêneros e sexualidades dissidentes. Mas há de se considerar

<sup>19</sup> O jornal *Diário do Vale*, de circulação diária na cidade e região sul-fluminense, não publicou sequer uma nota noticiando este fato no período de 27 de julho a 07 de outubro de 2008, época em que houve a veiculação de reportagens sobre as eleições municipais do ano.

<sup>20</sup> *Jornal Aqui*, p. 20 – Matéria publicada em 16 de agosto de 2008.

<sup>21</sup> Trecho da entrevista.

que a história, como processo, é transformada lentamente por todos que a vivem; de forma que não se pode esquecer que as mudanças e permanências articulam um conflito diário, que não deve ser negado.

Para finalizar esta breve e instigante reflexão, aceitaria a interessante colocação de Samanta, na esperança de que um dia a sociedade a tome em sua práxis:

Porque para mim não existe homem, mulher, gay; para mim, ser humano é um só; para mim ser humano é um só. Ué! Quem sabe um dia me apaixone por uma mulher. Quem sabe me apaixone por um gay?! Quem sabe eu... ué!!!<sup>22</sup>

### Referências bibliográficas

- BADINTER, E. (1993). **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BENTO, B. (2006). **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond.
- BENTO, B. (2008). **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense.
- BERRIOT-SALVADORE, E. (1992). El discurso de la medicina de la ciencia. In: DUBY, George e PERROT, Michelle. **História de las mujeres em Occidente**. Madrid: Taurus.
- BORDO, Susan. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison e BORDO, Susan. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- BOURDIEU, P. (1999). **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- BOURDIEU, P. (2009). **O senso prático**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- FOUCAULT, M. (2005). **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. 30. ed., Petrópolis/RJ: Vozes.
- MURARO, R. M. (1996). **Sexualidade da mulher brasileira**: corpo e classe social no Brasil. 5. ed., Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos.
- PELÚCIO, L. M. (2009). **Abjeção e desejo**: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids. São Paulo: Annablume; FAPESP.
- PELÚCIO, L. M. (2005). **Na noite nem todos os gatos são pardos** – notas sobre a prostituição travesti. *Cadernos Pagu* (25), julho-dezembro. p. 217-48.
- PORTER, R. (1992). História do corpo. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Paulista.
- PRIEUR, A. (1997). **Mesma's house, Mexico City**: on travestites, queens and machos. United States: University of Chicago Press.
- SCOTT, J. (1992). História das mulheres. In: BURKE, Peter. **A escrita da história**: novas perspectivas. São Paulo: Editora da Universidade Paulista.
- SCOTT, J. (1994). Prefácio a Gender and Politics of History. **Cadernos Pagu** (3) Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP.
- WALKOWITZ, J. (1992). Sexualidades peligrosas. In: In: DUBY, George e PERROT, Michelle. **História de las mujeres em Occidente**. Madrid: Taurus.
- WELZER-LANG, D. (2001). **A construção do masculino**: dominação das mulheres e homofobia. In: **Estudos Feministas**. Florianópolis: UFSC, Vol. 09, nº 2.

### Jornais consultados em Arquivos e Internet

<sup>22</sup> Trecho da entrevista.

Jornal Aqui – 16 de agosto de 2008.

Jornal Aqui na internet – acessado em janeiro de 2011.

<http://www.jornalaqui.com.br/arquivo/2008/615/paginas/especial.htm>

<http://www.jornalaqui.com.br/arquivo/2009/667/paginas/especial4.htm>

Jornal Diário do Vale – 27 de julho a 07 de outubro de 2008.